

## Muniz Sodré: quando a diferença levita

### Muniz Sodré: when difference levitates

DOI: [10.22481/Inostr.v13i1.16865](https://doi.org/10.22481/Inostr.v13i1.16865)

Alexandre de Oliveira Fernandes<sup>1</sup>

Instituto Federal de Educação da Bahia

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1556-4373>

E-mail: [alexandre.pro@gmail.com](mailto:alexandre.pro@gmail.com)

Gildecil de Oliveira Leite<sup>2</sup>

Universidade do Estado da Bahia

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8571-6064>

E-mail: [gildecil.leite@gmail.com](mailto:gildecil.leite@gmail.com)

### Resumo

Trata-se de crítica literária desconstrutora, em que se procede à leitura de “Diferença”, narrativa assinada por Muniz Sodré, presente em seu livro “A lei do santo: contos”, editado pela Malê, em 2016. Signo disseminante de negociação que aponta para a “alteridade” irreduzível, “Diferença” é texto alegórico, dado à leitura como processo de significação e não de verdade. Desviando-nos da lógica da ideologia opositora, inferimos que, na ficção ora analisada, entre uma administradora de empresa da Zona Sul do Rio de Janeiro, um adolescente negro de 13 anos de idade e um psicanalista freudiano, a “diferença” levita impondo questões pertinentes à alteridade.

**Palavras-chave:** Crítica literária; Diferença; Alteridade; Muniz Sodré; Jacques Derrida.

### Abstract

This is a deconstructive literary critique that offers a reading of *Diferença* (Difference), a short story written by Muniz Sodré, found in his book *A lei do santo: contos* (The Saint's Law: Short Stories), published by Malê Publishing in 2016. As a disseminating sign of negotiation that points toward irreducible “otherness,” *Diferença* is an allegorical text, to be read not as truth, but as a process of meaning-making. Moving away from the logic of

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do Instituto Federal de Ciência Tecnologia (IFBA/Porto Seguro). Professor permanente no Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL/UESC).

<sup>2</sup> Doutor em Difusão do Conhecimento (UFBA). Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagem (PPGEL) – UNEB, e de Literatura no curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas – UNEB

opposing ideologies, we infer that in the fiction under analysis, among a business manager from Rio de Janeiro's South Zone, a 13-year-old black teenager, and a Freudian psychoanalyst, the notion of “difference” levitates, raising relevant questions of alterity.

**Keywords:** Literary criticism; Difference; Alterity; Muniz Sodré.

### 1. A escrita negra de Muniz Sodré: signo disseminante

A leitora tem agora em mãos ensaio em que procedemos à leitura desconstrutora de “Diferença”, narrativa assinada por Muniz Sodré (2016a), intelectual brasileiro e Obá de Xangô no Axé Opô Afonjá, uma das casas de culto afro-brasileiro mais antigas de Salvador<sup>3</sup>. Por leitura desconstrutora (Derrida, 2001), entendemos aquela na qual só há diferenças – não opositivas –, a permitir um movimento da estrutura no ato de simbolização da linguagem. Tal olhar implica em acolher a produção de sentidos em um texto como efeito de um jogo de significantes em que a significação não está imediatamente presente no signo. Logo, rompemos com qualquer possibilidade de “identidade” segundo um sistema de traços diferenciais calcados na oposição presença/ausência. Desviamo-nos de um *logos* verdadeiro, atentamos para efeitos, jogos, sempre em disputa, do texto. Nessa toada, a ontologia cartesiana dá lugar à “*différance*” derridiana, ou seja, tudo o que se dá só se dá em um regime de diferenças, importando, portanto, a diferencialidade e, efetivamente, a alteridade.

Uma leitura desconstrutora é estratégia que lida com a questão fundamental dos limites, com problemas de borda e de transbordamento (Derrida, 2019). Ora, uma oposição simples evoca conceitos canonizados, que se querem “puros”, seus termos remetem-se a uma mesma origem simples e à hierarquia excludente – citação e uma não-citação; uma narrativa e uma não-narrativa; autor e analista; leitor crítico e leitor autocrítico; crítico e não-crítico; ficção e não-ficção; masculino e feminino; eu e nós; mundo sensível e mundo das ideias; natureza e história; forma e conteúdo; dentro e fora; discurso filosófico e mítico; próprio e estrangeiro. Mas, e se rasuramos os limites da ontoteleologia<sup>4</sup>?

<sup>3</sup> Sodré foi confirmado Obá de Xangô pela yalorixá Stella de Oxóssi. Para ele, o “Axé Opô Afonjá é tanto um lugar de culto como um lugar culto, e esse lugar culto, as mães de santo ilustres confirmam, Aninha, Mãe Senhora e Stella de Oxóssi” (Dias, 2023, p. s/p.).

<sup>4</sup> Em artigo seminal, Jacques Derrida (2009) elabora discussão em torno da metafísica da presença e seu desejo de pureza. Para sustentar seus argumentos utilizou-se de pensadores diversos como Sigmund Freud e Martin

E se oposições fossem embaralhadas perturbando o que fora considerado como Lei, ordem? Parece-nos que não nos tranquilizaríamos quanto à identidade, mas por outro lado, estaríamos abertos à diferença<sup>5</sup>. Seria permitido um jogo polissêmico e disseminante de sentidos, que rasuraria qualquer possibilidade de “centro” – ser, Família, Deus, Pátria, *phoné*, verdade, identidade, gênero –; tudo viraria “discurso”, um sistema no qual, o significado central, originário ou transcendental, nunca está absolutamente presente fora de um sistema de diferenças. Trata-se de levar a termo certa agonia da dissimetria: “um par irregular do um sem o outro, no qual ambos se intimam regularmente, comparando-se a partir da figura do outro, dizendo simultaneamente e indiscernivelmente ‘eu’ e ‘nós’” (Derrida, 2019, p. 253). Logo, nem um esforço à conjunção, nem posicionar o “outro” em um lugar oponível, mas aberto à ética da alteridade.

Presente em seu livro “A lei do santo: contos” (Sodré, 2016b), “Diferença” integra um conjunto de quatorze histórias, entre fantásticas e mágicas, que dão a ler a sabedoria da *arkhé* negra. Trata-se de escritos acerca do convívio de pessoas, em suas vidas diárias, com odus e preceitos, oráculos e divindades, farofa de dendê e cachaça, orixás e inquices, voduns e caboclos, ancestrais advindos de casas de culto tão diversas como as de tradição nagô, jêje, angola, ketu, espalhadas pelo território brasileiro. São histórias que não recusam o “sensível”<sup>6</sup>

---

Heidegger; este problematizou o ser como presença, aquele criticou a presença a si. O filósofo franco-magrebino desconstruindo qualquer possibilidade de centro e identidade em si, ensina a atentar para a estruturalidade da estrutura – como os textos se estruturam –, a questionar todo conceito que arroga para si “a” centralidade. Isso coloca em xeque as “coisas em si” e sua estrutura supostamente sem origem. Toda estrutura é sempre plural e disseminante, desde já originada. A origem é originada e não ontoteológica.

<sup>5</sup> Salvaguardados os contextos, mas, certamente com humor corrosivo e sarcástico, Paul B. Preciado (2022), Judith Butler (2017a), Homi Bhabha (1998), a seu modo questionaram a Lei e as divisões estanques que organizam nosso pensamento. O filósofo espanhol problematizou a invenção do corpo patológico e o normal; a pensadora estadunidense embaralhou categorias como “sexo” e “gênero”, buscando fazer emergir uma singularidade contextual e não o fundamento, enquanto o crítico indiano desviou nosso olhar para o hibridismo da autoridade colonial, rasurando o mito originário do poder colonialista. Estes pensadores articularam elementos dados como antagonicos e contraditórios e colaboraram para reflexões contracanônicas, sem transcendência possível. Suas teorias ampliam nossa percepção, nossa forma de sentir, de amar, de viver.

<sup>6</sup> Em “As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política”, o capoeirista Muniz Sodré (2006) argumentou que teorias e concepções mecanicistas limitam a interação comunicacional e emperram processos complexos das trocas simbólicas, ou seja, um olhar limitado oblitera a visão. Acerca da *arkhé* negra, remeteríamos a leitora à palestra de Sodré para o “CPFL Cultura”, em que defende que aquele conceito está relacionado a modos afetivos de ser e existir, crenças e alegria. Arkhé implica numa memória ancestral atravessada por cantigas, ritos, rezas, danças, comidas, lendas, parábolas, signos cosmológicos transmitidos inicialmente no círculo religioso dos terreiros, mas que extrapola este espaço, chegando à sociedade brasileira. NÚCLEO DE PESQUISA EM ESTUDOS CULTURAIS (NPEC). A ignorância da diversidade. Muniz Sodré. **YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WfmEABJVeU4> Acesso em 03 de dezembro de 2024.

(Sodré, 2006a) e, sem essencialismos ou axiomas que sequestrem o que é da ordem do movimento e da ambivalência, qual seja, o axé, a cosmovisão negrodiaspórica, colocam em primeiro plano as experiências dos sujeitos negros, cujos corpos insubmissos vivem a singularidade de suas existências.

A escrita negra de Muniz Sodré contrapõe-se à matriz epistêmica<sup>7</sup> branco-eurocristã-capitalista<sup>8</sup>, dando a ler diferenças afrocentradas que não anulam complexidades nem buscam sequestrar o outro fixando-o em determinado papel. Seus contos simbolizam o que se pode denominar de cosmogonia afro-brasileira, resultado de memória ancestral e afrodiaspórica. Ali, o sujeito negro brasileiro seja em contato com um psicanalista, um advogado, seja consultando os búzios ou em comunhão com os encantados como Ogum Marinho, tem espaço como indivíduo e participe de grupo social atrelado a experiências comuns e à diáspora africana no Brasil. Seus contos abordam o avanço de igrejas neopentecostais e a perseguição a cultos negros – “Os evangélicos em especial queriam apagar todas as marcas consideradas negras” (Sodré, 2016e, p. 8) –, a importância de um oluô, como seu Agenor<sup>9</sup> – “porta-voz, fala em nome da cabeça, interroga o destino” (Sodré, 2016f) –, responsável por zelar pelo Ori<sup>10</sup> daqueles que procuram acolhida nos terreiros.

<sup>7</sup> Se tomamos Homi Bhabha (1998, p. 22), percebemos que “episteme” está ligada ao saber, àquilo que estaria por trás da representação. O saber não é da ordem do empírico, não apenas, mas um *constructo*, um artefato resultado de uma reflexão e de seu enquadramento numa argumentação sustentada por procedimentos específicos que lhe conferem validação. Episteme é atividade de articulação humana e dialógica. Com Paul B. Preciado (2022, p. 46) aprende-se haver uma epistemologia política do corpo, histórica e mutante. Nem da ordem de uma “natureza”, nem simbólica, tal epistemologia não se sustenta em binarismos, logo, está longe de ser a representação de uma realidade.

<sup>8</sup> Segundo argumenta a psicanalista Suely Rolnik (2018), o sistema capitalista se apropria da vida, extrai dela a potência de criação, rebaixando-a à uma vida cafetinada – voltada ao conservadorismo, nacionalismo, consumo e exploração. O sistema colonial, religioso – de matriz judaico-cristã –, neoliberal, busca estancar o que é da ordem do movimento, conservando o *status quo*. Ele busca recalcar os fluxos vitais dos sujeitos tornando-os indivíduos – sujeitos separados, imagens de uma suposta unidade cristalizada –, numa sanha alucinatória que, ao fim e ao cabo, determina a morte do desejo e da própria pulsão de vida: “estanca-se a potência desejante”, o que dá lugar a “uma vida genérica, vida mínima, vida estéril, mísera vida” (Rolnik, 2018, p. 76). Não à toa, no prefácio do livro de Rolnik, o filósofo Paul B. Preciado (2018, p. 15) argumenta que uma revolução não se reduz à reapropriação dos meios de produção – estamos um tanto quanto distantes do marxismo –, mas tem a ver com reapropriação do “saber-do-corpo, da sexualidade, dos afetos, da linguagem, da imaginação e do desejo. A autêntica fábrica é o inconsciente e, portanto, a batalha mais intensa e crucial é micropolítica”.

<sup>9</sup> Sodré faz alusão à Agenor Miranda Rocha, o Pai Agenor, um conhecido babalorixá do Candomblé, também professor catedrático do Colégio Pedro II.

<sup>10</sup> Conforme ensina Muniz Sodré (2017, p. 125), “a cabeça física (ori, feita por Obatalá), corresponde no plano do *orun* à cabeça-destino (também Ori, feita por Ajalá). Esta última dá a cada indivíduo a possibilidade de escolha de um destino, portanto, um livre-arbítrio que, no entanto, pode ser antecipado ou conhecido pelo

Compreendido o discurso literário de Muniz Sodré, baiano nascido em São Gonçalo dos Campos, Feira de Santana, capoeirista e sociólogo, ogã de terreiro e ensaísta, como signo disseminante<sup>11</sup> de negociação possível entre a “*ratio*” ocidental e a “alteridade” irreduzível, desviando-nos da lógica da ideologia opositora, inferimos que na narrativa aqui analisada, a diferença – construção lógica da metafísica, apartada da presença – circulará num *lócus* movediço, ambíguo e incerto, num “jogo” entre uma administradora de empresa da Zona Sul do Rio de Janeiro, um adolescente negro de 13 anos e um psicanalista freudiano.

Entendido como texto alegórico, portanto, dado à leitura como processo de significação e não de verdade – esta que está sempre em outro lugar, que nunca está absolutamente presente fora de um sistema de diferenças (Derrida, 2007) –, “Diferença” (Sodré, 2016a) não deve ser lido a partir de meras comparações lógicas em que o outro é entidade monolítica a ser submetido pela razão causal; o interesse especulativo deve legar espaço para o sentir e para o afeto, pois, ora, na narrativa em tela, um menino negro, adepto da Umbanda desfoca o olhar branco centrado de um psicanalista discípulo da episteme freudiana.

Entre tantas possibilidades de leitura, por um lado, em “Diferença”, o analista demonstra suas dificuldades em lidar com a diferença, o que expõe seu narcisismo e seu desejo de reconhecimento e acolhida. Não à toa ele se pergunta: “eu não estaria confundindo o menino comigo mesmo, com minhas patéticas demandas de amor” (Sodré, 2016a, p.79). O discurso do analista permite perceber como ele mesmo está desdobrado dentro do discurso projetado por ele sobre o outro, seja o menino ou a administradora de empresa da Zona Sul do Rio, cujas falas dela (ou dele?), seriam “viscosas, senão paralisantes” (Sodré, 2016a, p. 77).

Por outro lado, o menino-analisando pode ser compreendido como o outro, o outro da psicanálise, do psicanalista, da administradora, numa escrita poética que se desdobra e se dobra em torno de si no rastro da diferença, da alteridade, cujas experiências – a do menino,

---

sistema divinatório, uma vez que, a escolha se dá no *orun*, o plano suprassensível ou abstrato. Na verdade, o próprio Ori é reconhecido como uma divindade pessoal, com culto próprio”.

<sup>11</sup> Conforme ensina Jacques Derrida (2001), a disseminação tem força e forma de ação perturbadora que fazem explodir o horizonte semântico; rasura a linearidade de uma escrita ou leitura monossêmica, não dando ao sentido – sempre construído, diferido, adiado –, caráter de essência ou ensejo de retorno a um Pai tutelar. A disseminação implica na produção de um número não finito de efeitos semânticos, os quais não se reduzem à presença simples.

do psicanalista, da administradora, da psicanálise –, afetando-se e afetadas por restos, sobras e incertezas não nos dão condições de estarmos seguros de saber absolutamente nada. Permanece o texto, à diferença, diferindo, postergando sentidos e diferenças, “por sua vez, aberto, oferecido e indecifrável, ainda que não se saiba indecifrável” (Derrida, 2013, p. 104). Isso tudo, talvez...

## **2. Dar ouvidos à diferença**

Imaginemos a cena seguinte: um analista está tentando descansar da sessão que acabara de ocorrer, com uma administradora de empresa da Zona Sul do Rio de Janeiro e, por isso, rearrumava, como sempre fazia, móveis e objetos de sua sala, deslocando-os detalhadamente dos lugares, tentando produzir novos ângulos e combinações, e assim desfocar sua atenção de falas viscosas e paralisantes de uma mulher que administrava negócios com uma exatidão mortífera.

O próximo paciente, um adolescente de 13 anos de idade adentra à sala sem qualquer aviso, causando surpresa e ligeira irritação no analista. Deitou-se no divã cinza de almofadas azuis, marca da posição do terapeuta como “filho espiritual do grande mestre vienense”, Sigmund Freud, quem teria ensinado “a gente razoável a dar ouvidos ao diferente, ao estranho, seja no outro, seja na gente mesmo” (Sodré, 2016a, p.77).

Narrado em primeira pessoa – o que sabemos da história advém do olhar e das memórias projetivas do psicanalista –, o conto “Diferença” (Sodré, 2016a) encena atendimento terapêutico a um adolescente. Negro e pobre, adepto da Umbanda, advindo do Morro, comunidade carioca em que um grupo de psicanalistas atende gratuitamente pessoas necessitadas, o paciente não correspondia ao indicado pelo analista, qual seja, elaborar suas questões e falar livremente o que lhe viesse à mente. Ao longo da narrativa, é o psicanalista quem elabora imagens sobre o garoto que fantásticamente, levita do divã e estacionado numa posição situada a cerca de dois metros do chão introduz, sombrio, vagamente ameaçador, uma segunda frase: “O senhor ainda não viu nada” (Sodré, 2016a, 80).

Reparemos: a sessão tem início, o analista se senta, está calado e imaginando porque o menino havia tomado desde o primeiro dia a decisão de deitar-se no divã. Nada de específico

havia sido indicado a ele: apenas que ficasse à vontade. Supõe o terapeuta que o garoto teria visto no cinema ou na televisão uma sessão de terapia ou que alguém, sua mãe, uma professora, tivesse lhe instruído a deitar-se. Também não estava claro o motivo pelo qual deveria passar por um tratamento psicológico. O garoto pouco falava, mas comportava-se de maneira “tão ordenada e dócil” (Sodré, 2016a, p. 78). Buscava afeto, teria carência, falta de amor por si mesmo? A discriminação racial e o preconceito contra religiões de matriz africana causavam-lhe desconforto? Ele era de Umbanda. “Dever não lhe era verbo nem sentimento estranhos” (Sodré, 2016a, p. 78), pois, comparecia regularmente as sessões.

“Talvez”, elabora o analista, o menino não quisesse ser identificado na escola como membro de uma família ligada à cultura de origem africana, haja vista que os evangélicos se multiplicavam com pregações aterrorizantes contra os deuses negros. Todavia, o garoto não se mostrou interessado no assunto. Lendo traços que criam representações sobre um sujeito, pensa o analista se “talvez” a questão não poderia estar nele mesmo: negro retinto, lábios grossos, garofinha cortada bem rente – “um negro típico” e pobre, “razões de muita desvantagem, razões de muito problema” (Sodré, 2016a, p. 78).

O que Muniz Sodré pode estar nos questionando com seu conto? Ora, o capoeirista já nos ensinou que é capital lidar com o saber intelectual, todavia, deve-se aprimorar a sensibilidade para manejar poderosos dispositivos do afeto, à exemplo, a simpatia, o amor, a paixão, as emoções, o rancor, a inveja, a raiva, a aflição, a antipatia e a angústia (Sodré, 2006a). No conto em tela, é fundamental lidar com a angústia quando um analisando, que não diz mais do que duas frases durante dois meses de terapia, de modo inusitado, deitado que estava no divã, um menino aflito, “olha[ndo] para o teto, calado, subitamente pareceu-me” deslocar-se para cima e, “sempre na horizontal, alçava-se progressivamente do divã, centímetro por centímetro” (Sodré, 2016a, p. 80).

Dito isso de outro modo: deve-se dar ouvidos ao diferente, à alteridade, qual seja, aquele “algo” que me lembra daquilo que não consigo lembrar, que, produzindo uma angústia retorna uma mensagem invertida, mais além de mim mesmo, mais além do meu ego. Este “algo”, nem identidade nem diferença opositora, mas “alguma coisa” à parte, poderíamos arriscar, é um entre-lugar que levita.

“Levitar” então, é metáfora capaz de problematizar processos de identificação, pois,

rasura a identidade que se quer pronta, essa figura bizarra do desejo, da transferência, da ambivalência psíquica atrelada a uma relação hierarquizada, colonial se seguirmos o psiquiatra martinicano, Frantz Fanon (2020). O desejo de apreensão da identidade, não permitindo que ela “levite”, tem a ver com o desejo de fazer irromper uma identidade fraca, signo *voyerista* e resultado de luta agônica entre episteme e representação, ou seja, entre articulação e ato de enunciação. Dar ouvidos à diferença implica em fazer a identidade deslizar, ainda mais, fazer irromper de dentro dela a alteridade, essa estranheza que levita, em devir.

### 3. Quando a diferença levita

Nossa leitura do conto “Diferença” do Professor emérito da Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e membro da Academia de Letras da Bahia (ALB), Muniz Sodré (2016a), discurso literário atravessado pela ambiguidade, permite-nos inferir que uma vez que um paciente se nega a delatar seu desejo, não revelando “a” verdade do que ele seria, aponta para um aprendizado necessário. Interessa-nos um processo de leitura como escritura, esta que parodia a verdade e promove uma “vertigem de um não-domínio, uma perda de conhecimento” (Derrida, 2013, p. 73).

Daí que “ler” implica em desposseção e melancolia, luta e luto, os quais não saturam o texto e nem o positivam (no duplo sentido do termo). Ler é reproduzir transgredindo, evoca sobrevida para o texto que permanece em riste, insaciável, num jogo paradoxal de apropriação e expropriação que desconcerta o hermeneuta convencido de suas avaliações. Parafraçando a professora Carla Rodrigues (2013), leitora de Derrida e Lacan, reconhecemos ser a literatura um lugar de “não verdade”, ou seja, *lócus* em que “algo” escapa, não tem identidade plena ou autoidentidade, e não pode ser objeto de apropriação final. Ora, devemos lidar com o infinitamente outro, arrefecendo certo desejo da modernidade de “civilizar” o não-ocidental, o que implica em recuar diante da exigência de conhecê-lo, não arrastando-o para a temporalidade europeia, cujo racionalismo iluminista, que contempla aspectos militares, políticos, tecnológicos, institucionais, educacionais e religiosos, seria transmitido como um universal humano (Sodré, 2006b).

Assim, “Diferença” aponta mais para um jogo de diferenças especular acerca dos sujeitos da narrativa, uma administradora da Zona Sul carioca, região composta por bairros de classe média e alta como Leblon, Ipanema, Arpoador, Copacabana, Leme, um menino do Morro e um psicanalista freudiano, do que para a “verdade” do menino.

Esse jogo especular demonstra que a “diferença” é personagem fundamental da narrativa – nem um nem outro personagem enquanto essência, mas a diferença que circula entre eles. Circula, se apresenta, se esgueira, dá a ler projeções, fantasmas e fantasias. É resultado de embates entre a representação psíquica e a realidade social, demandas e desejos. Essa “diferença” é a alteridade do “eu” inscrita nos desdobramentos do conto.

Que dizer de um analista tão meticuloso que “rearrumava” como sempre fazia, móveis e objetos de sua sala, deslocando-os “milimetricamente”, ensaiando ângulos novos, capaz de desfocar sua atenção de uma análise que havia acabado? Ele inicia sua narrativa egóicamente buscando se diferenciar da analisanda que acaba de sair: “Eu” ainda estava; “minha” sala; desfocando a “minha” atenção; “dessa” mulher que administrava negócios e palavras com a exatidão mortífera dos obsessivos.

Mas não é o analista quem deve ser rigoroso com as palavras, manejando-as no processo de transferência? Seria ele um obsessivo compulsivo? O que exatamente nessa administradora bem sucedida o irritava? Era o fato de ela ser bem sucedida? Mas, a psicanálise permitia a ele “ganhar a vida com apreciável decência”, tanto que “às vezes nos permitimos não ganhar coisa alguma em matéria de dinheiro, o que era bem o caso com aquele menino ali vindo do Morro, da comunidade onde meu grupo profissional atende de graça gente pobre” (Sodré, 2016a, p. 76).

Rememoremos Roland Barthes (2007, p. 34), para quem escrever é verbo intransitivo: a escrita não explica o mundo, mas ao fingir explicá-lo, aumenta sua ambiguidade. Com o crítico literário francês, estamos a dizer que a literatura, produto ambíguo do real, “permite frequentemente fazer boas perguntas ao mundo”.

Reparemos que, ao ver, incrédulo, o menino levitar, o terapeuta retira seus óculos, limpa as lentes e, mesmo assim, não consegue entender bem o que está acontecendo. Seria o estresse lhe pregando peças? “À maneira de Viena”, questionou se não “desejaria livrar-me do menino, lançando-o metaforicamente pelos ares?” Por que desejaria livrar-se do menino? O

que lhe incomodava nesse garoto? Recolocando cuidadosamente os óculos, pôde ver “perfeitamente bem que o menino, sempre na horizontal, alçava-se progressivamente do divã” (Sodré, 2016a). Que fazer? Que pensar? Como agir quando as certezas da razão não dão conta daquilo que dispersa, flutua e dá cores à plasticidade? Como lidar com o que insiste em descarrilar e transgredir normas, leis e convenções? Que diferenças produz a diferença quando esta levita?

Ao levitar, ou seja, ao negar dizer de si, ou ainda, dizendo de si de outro modo que não o razoável pela razoabilidade *mainstream*, uma esquiva do universo do mesmo ocorre, denotando ser o “outro” um princípio de alteridade radical: o outro segue sendo o outro. Ao levitar, o menino faz descarrilar pressupostos metafísicos, colocando em xeque referências básicas da modernidade e suas metanarrativas. É ele quem, sombrio e ameaçador, volta-se para o analista: “O senhor ainda não viu nada” (Sodré 2016a, p. 80). Não viu nada sobre o quê? O que estava lhe atrapalhando a visão?

Metanarrativas são discursos essencialistas como “Pai”, “Deus”, “Pátria”, “Família”, os quais buscam afastar o acaso, a contingência, o jogo e a luta pelo poder (Fernandes, 2020b). Sua sanha estrutural e higienista, tenta omitir “o problema da passagem de uma estrutura para outra, colocando entre parênteses a história” (Derrida, 2009, p. 424). Que se busca? Afastar os fatos e controlar a chegada do recalcado, do estrangeiro, do anormal. Todavia, como metanarrativas não passam ao largo do jogo das diferenças, é o “inominável que se anuncia (...) sob a forma informe, muda, infante e terrificante da monstruosidade” (Derrida, 2009, p. 425) que, ora, levita, retirando o analista “de dentro do conforto da poltrona que também assinala o meu lugar de doutor na ciência do espírito” (Sodré, 2016a, p. 80).

Para o analista, não estava claro as razões pelas quais o menino estava em análise há dois meses: “por que a mãe, a professora, vizinhos mesmo, haviam insistido junto à coordenação do meu grupo para que desse tratamento psicológico àquele adolescente de 13 anos, que ali pouco falava”? Isso ficaria claro algum dia? Naquela sessão tudo se resolveria quando o garoto, negro, da Umbanda, levita? Talvez... Quem o vê levitar? Ora, o analista. Não estaria a projetar “algo assim, provindo de um mundo imaginário ou idealizado” (Sodré, 2016a, p. 79)? Não temos como saber ao certo.

Sodré está a problematizar o discurso do Ocidente que se encontra desdobrado dentro

da psicanálise, a qual fala do Outro. E ao falar, produz, mais do que reflete, seus objetos de referência. Ao levitar, o menino questiona a representação da alteridade, os modos de identificação do Outro e se nos convida a deslocar nosso ângulo de visão para a fronteira, o entre-lugar, *in medias res*, ou seja “no meio das coisas”. Trata-se de repensar a lógica da causalidade, da determinação, da representação, do discurso, do factual e do projetivo, do textual e do retórico, como signos de tradução e negociação, ultrapassando bases de oposição, daí que, ao invés de identidade, nem um nem outro, mas um “algo a mais” que contesta os termos e territórios de ambos.

É Homi Bhabha (1998) quem argumenta em torno da “negociação”. Ao invés da negação, aquela abriria lugares e objetos híbridos de luta, cujo desejo é desconstruir polaridades negativas entre o saber e seus objetos, entre a teoria e a razão prático-política. A negociação, para o crítico literário, tem estrutura de iteração sem racionalidade redentora da superação dialética, ou seja, não se trata de transcendência. Por isso, Bhabha trata em seus escritos de “emergência” e não de “origem”. Ele está interessado em processos de correlação, coimplicação, dependência, aporia. Negociação é categoria que aponta para “nem um nem outro” dos pares de opostos metafísicos, mas para um “algo a mais”, que não obscurece inter-relações. Bhabha não está interessado em identidades rebaixadas, produtos de fetiche colonial.

O “algo a mais”, então, pode ser o levitar, qual seja, esse ato de colocar algo em suspenso, mantendo a suspeita, a crítica e, sobretudo a conexão. Também pode ser o “momento” em que o agente do discurso – o psicanalista, o menino, a administradora, os autores do presente texto – passa a ser visto como objeto projetado, invertido, voltado contra si próprio, numa justaposição ambivalente e perigosa. A relação intersticial do factual e do projetivo dá-se por embaralhada quando o terapeuta reflete: “menino abriga todas as possibilidades” e, dirigindo-se ao analisando: “somos todos outros, muito diferente daquilo que pensamos ou que se pensa ser” (Sodré, 2016a, p. 79).

Quando afirma para o analisando: “eu também não sou como as outras pessoas” (Sodré, 2016a, p. 80), está nos contando que existir é ser chamado à existência em relação a uma alteridade. Esse lugar da identificação – quem sou eu, quem não sou eu, quem é o outro – é um espaço de cisão, de corte, retido numa tensão de demanda, de desejo, de busca de reconhecimento. A identificação, que não caiu do céu, não é um dado-dado, é a produção de

uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir a imagem que se coaduna, de certo modo, com tal identidade.

Dizemos “de certo modo” porque nenhum sujeito se amalgama totalmente a uma identidade. Esta é muito mais um entrelugar intersticial, apontando para “algo” – por vezes um psicodrama grotesco da vida cotidiana nas sociedades coloniais (Fanon, 2020) –, acontecendo no meio de processos complexos de identificação, muito mais do que uma relação binária: “ser ou não ser” não é, portanto, uma questão.

Quando o analista afirma “eu também não sou como as outras pessoas” (Sodré, 2016a, p. 80), trata-se muito mais de um traço do que de um “eu” ontológico. Este traço sempre está por ser preenchido. Ele se movimenta, levita, demonstrando que ainda não vimos nada acerca das diferenças.

Impaciente e exasperado, o terapeuta questiona: “Mas você é como, então, afinal de contas?” (Sodré, 2016a, p. 80). O analista tenta encontrar para o menino uma identidade, um sintoma, mas eis que à interpelação o garoto responde alçando-se progressivamente do divã, centímetro por centímetro, “tornando diferentes a meus olhos os mandamentos da gravidade e da razão do Mestre” (Sodré, 2016a, p. 80).

Sabe-se que a psicanálise – psiquê + análise – é um discurso em torno do inconsciente, e está interessada na suspensão de uma perturbação psíquica, a saber, sintomas, dor, sofrimento, histeria, neurose obsessiva, psicose alucinatória. Esses sintomas impactam a vida do analisando, por vezes de modo severo. Na análise tem-se lugar uma revisão e uma reconstrução da história do sujeito em sua singularidade. O intuito disso é eliminar os sintomas e restaurar a unidade psíquica (Birman, 2014). Mas, como lidar com um paciente cujas enunciações, aparentemente, não tem a ver com atos falhos, sonhos, sintomas?

Ora, um ato falho é uma ação exitosa do inconsciente que se efetiva no real, mas, como compreender o que ocorre com um paciente que não enuncia seus traumas, seus fantasmas, medos, angústias, a não ser por meio de uma repetição: “Não sou como os outros”. Que está a dizer? Que indiscernível, que irreduzível, ou seja, que “inconsciente” – esse lugar em que se constitui o sujeito – essa repetição indicia? Esse inconsciente – que não é o do garoto apenas porque todo inconsciente depende da relação com o outro – está vinculado a quais alteridades e diferenças?

Mas, e se o analista estiver deixando escapar os sinais da verdade subjetiva de seu analisando, “quero dizer, do que para nós, filhos do mestre vienense, é a verdadeira realidade psíquica, esta que pensa a gente sem mostrar que está pensando, que nos sonha sem nenhuma aparência de que dorme” (Sodré, 2016a, p. 79)? O garoto afirmava não ser como os outros. “Não sou” poderia ser a fórmula pela qual o garoto elaborava “essa outra realidade que não dá para se conhecer de maneira direta”, todavia, sobrava sempre um “talvez”, um “como se”, um “resto” a perturbar e fazer diferença, uma vez que “sabemos perfeitamente, nós, que essa realidade não nega coisa alguma, de nada duvida, apenas age, juntando, deslocando, que nem criança armando um quebra-cabeça” (Sodré, 2016a, p. 79).

Se estivermos de acordo que o recalque produz no inconsciente perda de ligação entre significantes, talvez, o terapeuta entendesse ser necessário reestruturar a significação entre os significantes, com vistas a reverter problemas possivelmente vividos pelo paciente. Todavia, apenas uma frase, um enunciado escorregadio, afirmativo-negativo era repetido ao longo da sessão: “Não sou como os outros”. O psicanalista via-se, apesar de seu esforço de entendimento, sempre “na mesma posição inicial” (...) e ele resguardado pela repetição”. Ao repetir descarrilava: “poderia querer dizer ‘sou outro’”. Ao final, um segundo enunciado fora proferido: “O senhor ainda não viu nada” (Sodré, 2016a, p. 80).

Se, por um lado, a literatura fornece metáforas, imagens, arquétipos e conceitos ao saber psicanalítico – Édipo, narcisismo, bovarismo, entre tantos outros –, por outro, a psicanálise pode ser compreendida como território de sondagem da subjetividade. A teoria freudiana tem a ver com um saber interpretativo assentado na escuta do analisando, interessada que está em fazer vir à tona desejos inconscientes e recalques, ao passo que a literatura elabora o modo pelo qual culturas se reconhecem através de suas projeções de alteridade (Bhabha, 1998). Ambas, literatura e psicanálise, se impactam e interpenetram, pois ora, todo texto é atravessado por fantasmas e espectros.

### **Considerações finais:** Acolher outro olhar

O autor aqui estudado se utiliza de mitologia negrodiaspórica, a qual, segundo ele é

afeita a propriedades ditas pós-modernas (Sodré, 2023), haja vista que o estar-sendo do ato, ou seja, o movimento, importa muito mais do que o ser do ato. Em outros termos, a literatura [de Sodré] não é feita para que lhe consumam os significados, mas para que os significados não sirvam principalmente a nada, para que se esgotem, se aniquilem; e a interpretação efetive poéticas, sempre no plural e disseminantes.

Contrária à perversão simbólica do Ocidente e sua cultura do sentido finalístico, nossa leitura do conto “Diferença”, pretendeu convocar a Crítica Literária a manter o transe agonístico do movimento da linguagem e da produção de sentido e a não consumir a Poesia dando-lhe, qualquer que seja, uma finalidade. Está-se ao largo da gramática da propriação brancocentrada em que a obrigação é acumular, num hedonismo-narcísico e prepotência racionalista.

Afastando-nos da razão causal e de suas projeções em torno do conhecimento do outro, nossa leitura se contrapôs ao pensamento de apropriação europeu, judaico-cristão, delatando um fetichismo de reserva capaz de gerar um outro estabilizado. Este outro, resultado do funcionamento social da fantasia, aponta para como fantasias orientam nosso modo de relação com a chamada realidade intersubjetiva.

Distante do beletrismo e de determinismos, enquanto categoria de pensamento, o texto de Sodré permitiu-nos questionar formas e reflexões “recalcadas”, identificações reprimidas, buscando deslocar a Crítica Literária, que pelo visto “ainda não viu nada”. Ora, não viu nada acerca de quê? Se a literatura não é mero recurso à beleza ou instada a alojar teses filosófico-científicas, é fundamental compreender que personagens em uma narrativa não são meras diferenças, são alteridades irreduzíveis. O racionalismo europeu ou a mecânica positivista não nos interessaram, pois, não nos tocam suas distinções colonizadoras e sua episteme que opera por exclusão – “sujeito”, “objeto” (sendo este um material a ser apropriado, subjugado e aquele um transcendente).

Defendemos que estudar Sodré implica acolher outro olhar, qual seja, o olhar ancestral de Ifá<sup>12</sup>, deus oracular da adivinhação na mitologia iorubá, que inspira, organiza e infunde

---

<sup>12</sup> Ifá é guia e conselheiro, núcleo ordenador dos complexos religiosos de matriz iorubá nas Américas. Ao mesmo tempo, a personalidade das pessoas e seu destino. Daí Juárez Xavier (2004), pesquisador do Culto à Ifá e docente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), tratar em sua tese de doutorado, de um Ifá “pessoal” que deve ser adquirido por toda pessoa que queira encontrar sua identidade mais profunda, sua

significação contracolonial à trajetória negrodiaspórica no mundo histórico e espiritual (Nascimento, 2019, p.16).

“Diferença” é texto em que um pensamento descolonizado se opõe à diferença manietada por identidades binárias, bem-marcadas e excludentes. Estamos a afirmar que o acadêmico baiano não se ocupa da dominação e produção do outro, tornando-o objeto de uma teoria da sujeição. Sodré não recalca o múltiplo, pois a diferença levita. Isso significa, por um lado, que a diferença não é sequestrada, imobilizada, é processo permanente e não um conceito. Ela circula como efeito de subjetividades potentes que revelam mais a “verdade” do processo de produção de representações do que aquilo que fora produzido; por outro lado, a diferença é exposta como o espelho através do qual olhamos para nós mesmos.

Pretendemos no ensaio em tela demonstrar que, rasurando a metafísica, o conto de Muniz Sodré, “Diferença” abre espaço para um modo de pensar afrodiaspórico, cuja existência presente, não anestesiada, é capaz de produzir processos literários próprios. Analisar “diferenças” a partir de “Diferença” (Sodré, 2016a), por meio de uma crítica literária desconstrutora, talvez nos permita afirmar: a Crítica literária ainda não viu nada!

## Referências

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BIRMAN, Joel. Ficção e autobiografia em psicanálise. *In*: FUKELMAN, Clarisse. **Eu assino embaixo**: biografia, memória e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder**: teorias da sujeição. São Paulo: Editora Autêntica, 2017a.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Tradução: Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2017b.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

---

identidade ancestral, fundamento para a construção de uma autoestima negra, sabendo como se posicionar na vida frente às questões ordinárias. Ifá é também a tradição iorubá passada oralmente de geração a geração.

DERRIDA, Jacques. A verdade ofensiva ou o corpo-a-corpo das línguas. Entrevista a Évelyne Grossman. Tradução por Élide Ferreira. **Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas**, Ilhéus, v. 10, n. 17, 2007.

DERRIDA, Jacques. Força e Significação. *In*: DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2009a.

DERRIDA, Jacques. A Estrutura, o Signo e o Jogo no Discurso das Ciências Humanas. *In*: DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2009b.

DERRIDA, Jacques. **Esporas**: os estilos de Nietzsche. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

DERRIDA, Jacques. A lei do gênero. Tradução de Nicole Alvarenga Marcello; Carla Rodrigues. **Revista TEL**. Programa de Pós-graduação em História UNICENTRO - Campus de Irati, 2019.

DIAS, Marcos. O Axé Opô Afonjá é tanto um lugar de culto como um lugar culto. **A Tarde**, Salvador, 06 de agosto de 2023. Abre Aspas. Disponível em: <https://atarde.com.br/muito/o-axe-opo-afonja-e-tanto-um-lugar-de-culto-como-um-lugar-culto-1237805> Acesso em 03 de dezembro de 2024.

DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar (org.). **Desconstrução e ética**: ecos de Jacques Derrida. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FERNANDES, Alexandre; SOUZA, Luciano Fernandes de. Discursos político-religiosos como armas de guerra: heteroterrorismo em ação contra sexualidades dissidentes. **Letrônica**, v. 13, n. 2, 2020.

FERNANDES, Alexandre Identidade conservadora sob o rastro da Desconstrução. **Tabuleiro de Letras**, Uneb, v. 14, p. 68-86, 2020b.

NASCIMENTO, Tatiana. **Cuírlombismo Literário**. São Paulo. N-1, 2019.

NÚCLEO DE PESQUISA EM ESTUDOS CULTURAIS (NPEC). A ignorância da diversidade. Muniz Sodré. **YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WfmEABJVeU4> Acesso em 03 de dezembro de 2024.

PRECIADO, Paul. B. La izquierda bajo la piel: um prólogo para Suely Rolnik. *In*: ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição**: Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2019.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o mostro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

RODRIGUES, Carla. A literatura entre Derrida e Lacan: dentro/fora das relações de poder. **Viso**: Cadernos de estética aplicada, v. VII, n. 13, jan-jun, 2013.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição**: Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2019.

ROSENBAUM, Yudith. Literatura e psicanálise: reflexões. **Revista Fronteira Z**, São Paulo, n. 9, dezembro de 2012.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006a.

SODRÉ, Muniz. Diversidade e Diferença. **Revista Científica de Información y Comunicación**, v. 3. 2006b.

SODRÉ, Muniz. Diferença. *In*: SODRÉ, Muniz. **A lei do santo**: contos. Rio de Janeiro: Malê, 2016a.

SODRÉ, Muniz. **A lei do santo**: contos. Rio de Janeiro: Malê, 2016b.

SODRÉ, Muniz. Água de rio. *In*: SODRÉ, Muniz. **A lei do santo**: contos. Rio de Janeiro: Malê, 2016c.

SODRÉ, Muniz. A lei do santo. *In*: SODRÉ, Muniz. **A lei do santo**: contos. Rio de Janeiro: Malê, 2016d.

SODRÉ, Muniz. Purificação. *In*: SODRÉ, Muniz. **A lei do santo**: contos. Rio de Janeiro: Malê, 2016e.

SODRÉ, Muniz. Oluô. *In*: SODRÉ, Muniz. **A lei do santo**: contos. Rio de Janeiro: Malê.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação**: diversidade, descolonização e redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Rio de Janeiro, 2017.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais**. São Paulo: CosacNaify & n-1 Edições, 2015.

XAVIER, Juarez Tadeu de Paula. **Versos sagrados de Ifá**: núcleo ordenador dos complexos religiosos de matriz iorubá nas Américas. Tese (Doutorado em Integração da América Latina). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

**Submetido em:** 09/06/2025

**Aprovado em:** 20/07/2025